

A ESCOLA PÚBLICA COMO ESPAÇO DE MEDIÇÃO NA RECEPÇÃO DE PROGRAMAS TELEVISIVOS

*Aldimar Jacinto Duarte**

RESUMO

O cotidiano na sociedade moderna tem sido bombardeado pelos vários discursos produzidos e reproduzidos pela mídia. Os alunos, em especial da escola pública, têm sido alvo desse bombardeio. O presente trabalho é a síntese de uma pesquisa realizada com alunos de duas escolas públicas em Goiânia e busca analisar como os educadores dessas escolas têm se constituído como mediadores na recepção que seus educandos fazem dos programas televisivos. O que se constatou é que a gestão democrática e uma pedagogia que tenha como princípio o diálogo são fundamentais na formação não só de receptores críticos, mas de sujeitos participativos em todas as esferas da sociedade.

Palavras-chave: programas televisivos, escola pública, educação dialógica, múltiplas mediações.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada entre alunos do ensino fundamental, de duas escolas públicas, uma municipal e outra estadual, buscando compreender como se dá a mediação da escola no processo de recepção das mensagens televisivas realizadas pelos alunos do ensino público fundamental.

* Mestre em Educação Brasileira; professor substituto em Educação Brasileira na FE – UFG; assessor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. E-mail: aldimarjd@ig.com.br

Não se teve como objetivo trabalhar com programas educativos, com vídeos institucionais ou mesmo com aqueles considerados instrutivos, mas sim compreender o processo de recepção desses sujeitos, valendo-se dos programas televisivos comerciais de maior audiência entre o grupo de educandos pesquisados. Considerou-se que os programas comerciais têm um caráter formador, pois estão presentes no cotidiano dos alunos e contribuem para a construção e reconstrução dos significados que os jovens têm do mundo (Orozco, 1997).

Nesse sentido, considerou-se importante conhecer como um grupo de alunos do ensino fundamental de duas escolas públicas recebe as mensagens veiculadas pela TV comercial, analisando com os educandos os programas que eles próprios escolheram, com o objetivo de observar como esses sujeitos, no momento da recepção desses programas, utilizam-se de uma gama de mediações, em específico, a realizada pela escola.

A finalidade dessa análise é, portanto, observar como as percepções desenvolvidas pelos sujeitos perante a TV são mediadas pela escola, ou seja, se esta, como instituição socializadora e formadora, contribui de forma positiva no cotidiano para a formação de receptores críticos. Para isso, tornou-se imprescindível o estudo da gestão da escola e do fazer pedagógico do professor, para que se pudesse analisar como esses elementos interferem no processo de recepção dos alunos. A metodologia de ensino utilizada pelo professor em sala de aula representou um aspecto importante a ser observado e analisado. Para Orozco (1991, p. 12), “a forma em que se socializam os alunos na escola cumpre a função mediadora também na interação que estabelecem com a TV”.

As duas escolas selecionadas foram observadas de forma a captar o objeto de investigação de maneira processual, especialmente em duas salas de aula e na sala dos professores, seguindo-se os seguintes passos:

- 1 Escolheram-se duas escolas públicas – uma da rede municipal de ensino e a outra da rede estadual –, partindo-se do princípio de que cada uma possui um tipo diferente de gestão.

- 2 Selecionaram-se depois duas turmas de sétima série do ensino fundamental em cada escola.
- 3 Aplicaram-se então dois questionários para os alunos das duas turmas das escolas, com o intuito de mapear sua realidade socioeconômica e cultural e, especificamente, de perceber quais os programas preferidos por esses grupos.
- 4 Desenvolveram-se observações nas salas de aula, nas salas dos professores, nas reuniões com o corpo docente e com a coordenação da escola, com o objetivo de perceber a relação escola-professores-alunos e a orientação pedagógica predominante em cada uma das escolas;
- 5 Em seguida realizaram-se duas seções de videogravação com uma turma de sétima série de cada escola e discussões com os alunos das turmas selecionadas, para perceber como os alunos recebem as mensagens televisivas e qual a mediação realizada pelas escolas.
- 6 Selecionaram-se seis alunos por série, para as entrevistas individuais. Esses alunos foram escolhidos mediante observações em sala e divididos em dois grupos distintos: o primeiro foi composto por aqueles que demonstraram maior participação nas discussões e atividades desenvolvidas na escola, e o segundo pelos que tiveram menor participação nas atividades.

As entrevistas com os alunos basearam-se nos programas assistidos e discutidos anteriormente, nas respostas dos questionários e nos comentários feitos em sala de aula durante os debates. O objetivo era aprofundar o conhecimento acerca do universo sociocultural do receptor e compreender como a escola se faz presente no processo de recepção das mensagens. As observações do espaço escolar foram feitas juntamente com entrevistas semi-estruturadas dos gestores das escolas, para melhor conhecer as concepções e as práticas de gestão aplicadas nas redes de ensino estadual e municipal.

Valendo-se da referência de diversos autores, pretendeu-se discutir como o poder televisivo não se constitui homogêneo, linear, mas permeado de contradições, já que a recepção de suas mensagens é mediada pelas várias instituições socializadoras, como a família, o

grupo de amigos, a igreja, a escola e os próprios *media*. Nesse sentido, compreende-se que a recepção das mensagens televisivas não se dá de forma passiva, mas os elementos são articulados e mobilizados no momento da recepção.

Enfocando a escola como instância mediadora, buscou-se entender o perfil de uma prática pedagógica voltada para a crítica e para o diálogo. Com base em autores como Gramsci, Giroux e Paulo Freire, discutiu-se o tipo de educação que pode contribuir para a formação de sujeitos que tenham como prática o questionamento crítico.

Analisou-se também como se compõem as escolas pesquisadas, por meio de uma incursão no cotidiano dessas instituições, para problematizar desde a relação com os respectivos sistemas de ensino até a gestão, bem como o fazer pedagógico dos professores e as relações gerais entre educadores e educandos no dia-a-dia da sala de aula. Objetivou-se compreender como as escolas pesquisadas relacionam-se com a cultura do aluno, utilizam mecanismos para ouvir a voz dos educandos e contribuem para a superação das opiniões estereotipadas acerca da realidade.

OS EDUCANDOS NO PROCESSO DE RECEPÇÃO

Para a maior parte dos alunos da escola A o programa preferido foi o *Sai de baixo*, exibido, por vários anos, aos domingos à noite pela Rede Globo de Televisão; já a maioria dos alunos da escola B apontou o programa *Ratinho livre*, exibido à noite, ordinariamente, pela Rede Record.

Pode-se, inicialmente, observar que ocorreu forte envolvimento dos educandos pesquisados com as novas perspectivas simbólicas dos *media*, que responderam ao apelo emocional implementado por esses meios, ao passo que a escola não realizou a racionalização ulterior dessas mensagens. O melodrama vivido pelos personagens “reais” de *Ratinho livre* e o humor político de *Sai de baixo* não sofreram qualquer processo de ressignificação crítica, por parte da escola, durante a realização deste estudo.

Acerca do abuso do irreal e do emocional promovido pelos *medias*, em especial pela TV, Orozco (1996, p. 26) atesta que esses meios conseguem causar impacto e inibir a dimensão racional dos sujeitos; no entanto, as escolas observadas não demonstraram a mínima articulação no sentido de questionar as “verdades” difundidas por esse meio.

O discurso dos alunos dos dois grupos pesquisados apresenta importantes observações e ponderações acerca do que viram e ouviram nos programas veiculados. Vale observar também que o uso desses programas caracterizou-se de forma diferente entre os vários sujeitos, o que demonstrou que os episódios exibidos têm estreita relação com o universo cultural dos educandos. Os programas contribuem para a formação de concepções de mundo e para o reforço de imagens estereotipadas da realidade, de metáforas, tomadas como a expressão do real, e não como sua representação.

A metáfora constitui um dos elementos característicos do processo de recepção dos sujeitos pesquisados, o que demonstra uma constante relação entre os programas assistidos e a forma como esses educandos vêem o mundo. Os programas foram considerados detentores de verdade, que, para a maior parte dos alunos, era vulgarizada, mas real. Houve a confirmação e identificação com os estereótipos trabalhados pelos programas em quase todos os argumentos apresentados pelos educandos, o que demonstra como esses contribuem para a formação de sua concepção de mundo.

Percebeu-se também o sentimento de impotência dos educandos diante de uma certa situação da realidade social, que, embora muitos a considerem real, não é palpável, nem passível de transformações. Não houve, no geral, a compreensão da construção histórica dos fenômenos sociais, que foram tomados como elementos naturais e isolados dos fatos políticos, econômicos e sociais mais amplos. Buscaram-se, porém, soluções possíveis para os problemas, mediante a redução de suas causas ou de suas generalizações. Segundo a maioria dos alunos, a resolução do problema da saúde no Brasil depende da vontade dos próprios médicos e hospitais; não existe contradição entre capital e trabalho, ou seja, a relação entre

patrões e empregados é harmônica, como no caso da empregada doméstica do *Sai de baixo*.

Diante dos problemas que afligem a sociedade, como políticos corruptos, pobreza e saúde, a maioria dos alunos ressaltou que não se pode fazer nada e que a solução dessas mazelas não está nas mãos de cidadãos comuns. A única ação possível, nesse caso, é aquela supostamente implementada pelo apresentador do programa *Ratinho livre*, ou seja, o assistencialismo. A ação política, com o intuito de realizar transformações, não se encontra ao alcance dos sujeitos.

Assim, os meios de comunicação contribuem para reforçar, no grupo, os valores da atual fase da sociedade capitalista, das novas ideologias que se contrapõem às aquelas de lutas sociais e de participação política do maior número de sujeitos possível, em busca da solução dos problemas coletivos; os programas, portanto, possuem conotação individualista e assistencialista. Como argumenta Sfez (1994, p. 15), com base na elaboração de Proulx, opera-se um processo de construção de uma “cômada ‘ideologia sem vítima’, que vem substituir as mortíferas ideologias da Segunda Guerra Mundial”.

O sentimento de impotência, expressado pelo grupo de educandos pesquisados, apóia-se na compreensão de que apresentadores como Ratinho ou programas humorísticos como o *Sai de baixo* possam representar seus interesses, suas verdades e suas críticas e sejam, portanto, seus porta-vozes.

Como destaca Barbero (1997), os apresentadores desses programas entram na cotidianidade e constituem-se em intermediários entre o cotidiano familiar e o espetáculo ficcional. A realidade, por mais dura que seja, passa a ser representada como ficção, e o apresentador, “mais que um transmissor de informações, é na verdade um interlocutor, ou melhor, aquele que interpela a família, convertendo-se em seu interlocutor” (Barbero, 1997, p. 294). Há, portanto, uma proximidade dos sujeitos com toda essa trama, que torna tudo familiar e próximo, por isso comove, reforça ou cria novos estereótipos no seio social.

Nesse sentido, opera-se uma das características dos modernos modelos de comunicação – segmentação do público-alvo na recepção dos diversos programas televisivos. O lugar reservado para o grupo de sujeitos pesquisados, como receptores, é de programas voltados para o grande público. A preferência que esse grupo de educandos tem por programas televisivos, como novelas, jornalismo sensacionalista, programas humorísticos e de auditório etc. faz parte de uma estratégia comunicacional bem definida, ou seja, o grande público não tem acesso a programas televisivos de boa qualidade, e a maioria dos programas destina-se ao entretenimento ou à banalização dos problemas sociais. Apenas 20% dos alunos da escola A (e nem um do grupo da escola B) possuem canais de TV por assinatura. Estão, portanto, fora da caracterização dos assinantes segundo a Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA). No país “44% dos assinantes possuem curso superior completo, e 93% pertencem às classes sociais A e B, o que significa que ganham a partir de R\$ 1.000 por mês” (*Folha de S. Paulo*, 29 set. 1998).

A ESCOLA COMO MEDIADORA NO PROCESSO DE RECEPÇÃO

Percebeu-se em discussões com os alunos durante as videografações, como atestam Lopes (1990), Orozco (1991), Sfez (1994) e Barbero (1997), que há uma identificação ou um jogo simbólico, com base nas diferentes formas de interação dos sujeitos diante das mensagens televisivas. Não se verificou uma relação unívoca dos sujeitos com as mensagens veiculadas pelos *media*. O ato de compreender como se processa a relação dos educandos com esses meios significa dar-se conta das próprias relações estabelecidas, em seu cotidiano, com os vários símbolos que circulam em seu meio, com forte incidência sobre o espaço escolar.

Em vários momentos, observou-se a participação efetiva dos educandos, contrapondo-se, levantando suas hipóteses ou defendendo seus pontos de vista; nessas discussões, estavam presentes os elementos constituidores de sua concepção de mundo. Ao deba-

terem determinado tema, eles invocavam os elementos simbólicos constituídos na família, no grupo de amigos, na igreja e nos próprios meios de comunicação.

Ao analisar o discurso dos alunos, durante a videogravação, percebeu-se claramente como ocorre, na recepção dos programas, a utilização dos diversos filtros simbólicos que trazem de fora da escola.

O primeiro deles é a mediação realizada no próprio ambiente familiar. Vários alunos, tanto nas videogravações como nas entrevistas, destacaram o papel dos pais, tios e avós no processo de recepção. As afirmações nas entrevistas são relevantes para uma clara percepção da importância dos pais na elaboração dos discursos. A mediação familiar aparece em momentos distintos, destacando-se aquele em que os discursos desenvolvidos pelos alunos durante a videogravação indicaram os pais como importantes atores na elaboração desses significados. Dos alunos entrevistados, a totalidade do grupo de maior participação na escola A afirmou que faz algum tipo de comentário com os pais no momento da recepção dos programas televisivos; no entanto, dentre os alunos que demonstraram menor participação, essa taxa caiu para 75%. Para os grupos de alunos da escola B, os números são de 100% e 33%, respectivamente.

Os pais apareceram também majoritariamente na relação das pessoas que os educandos procuram quando possuem dúvidas sobre algum programa assistido. Nesse caso, não há distinção significativa entre aqueles que tiveram uma maior participação e os de menor participação, em ambas as escolas. É interessante ressaltar que, ao tentar sanar suas dúvidas, os alunos do primeiro grupo procuram seus familiares, sejam pais, tios ou avós, e depois os colegas que consideram mais experientes. A escola só aparece uma vez como alternativa para esclarecer suas dificuldades. Os demais alunos não consideram, em momento algum, a escola como fonte esclarecedora de dúvidas relativas às mensagens dos *media*.

Nesse sentido, a totalidade do grupo de alunos que teve maior participação, na escola A, procura algum familiar quando surge alguma dúvida no momento da recepção. Dentre os alunos

que demonstraram menor participação, 75% fazem a mesma afirmação, 12% têm o costume de procurar os amigos e os outros 12% não procuram ninguém para sanar suas dúvidas. Quando indagados sobre uma segunda possibilidade para esclarecer suas dúvidas, 50% do primeiro grupo entrevistado respondeu que consultava os amigos e 16%, a escola. Já no segundo grupo, constituído de alunos que demonstraram menor participação, tanto nas atividades rotineiras da sala de aula como nas videograções, 37% indicam os colegas como segunda opção, enquanto ninguém procura a escola quando precisa esclarecer dúvidas.

Em relação ao grupo de alunos da escola B, 66% dos que demonstraram maior participação afirmaram consultar os pais nos momentos de dúvidas relativas às mensagens televisivas; 16%, os amigos e os outros 16%, a escola. Dentre os alunos de menor participação, 66% procuram os familiares e o restante (34%), ninguém. Ao serem indagados sobre uma segunda possibilidade, dentre os alunos do primeiro grupo, 16% afirmaram procurar a escola, e os do segundo grupo não procuram ninguém.

Percebe-se a importância da família como lócus de mediação. Mesmo os alunos que afirmam ter dificuldades de diálogo em casa argumentaram encontrar receptividade dos familiares no momento de dúvidas em relação aos programas televisivos.

A escola, nesse caso, aparece em menor percentual, tendo em vista que considerável parte dos educandos dos dois grupos pesquisados – ou seja, 96% –, não inclui a escola entre as primeiras possibilidades de dar respostas às dúvidas que possam aparecer durante a recepção de programas televisivos.

A crença religiosa dos educandos também deve ser considerada como um elemento importante, pois exerce o papel de filtro na recepção dos programas. Embora não represente um elemento motivador para a participação crítica, a religião não tem por objetivo tirar os sujeitos de suas concepções de senso comum (Gramsci, 1995). Dessa forma, alguns alunos expressaram suas crenças religiosas de forma acrítica, ou seja, ao se referirem aos programas assistidos ou aos problemas sociais neles discutidos,

tomaram-nos como algo já dado, sem possibilidade de transformações, a não ser mediante interferência divina.

Nesse sentido, constata-se que, durante a discussão dos educandos em relação aos programas televisivos, a escola não aparece explicitamente como uma mediadora. É comum, no entanto, aparecerem referências às explicações dos familiares, aos comentários com colegas, à crença religiosa, ou ao que se ouviu nos próprios meios de comunicação. São, portanto, essas instituições que aparecem explicitamente nas declarações dos alunos quando opinam sobre as situações exploradas nos episódios assistidos.

Entretanto, nota-se a presença da escola no discurso dos alunos, tanto nos debates como nas entrevistas, de duas formas distintas: na primeira, percebe-se a sala de aula como um importante espaço de discussão, em que se preparam os alunos para a reflexão mais crítica da realidade; na segunda, verifica-se a importância da relação professor-aluno na construção de uma escola como mediadora na legitimação do discurso do professor.

A SALA DE AULA COMO LÓCUS PRIVILEGIADO DE DISCUSSÃO

Percebe-se a importância que o professor assume no dia-a-dia da sala de aula, na relação dos sujeitos com os vários temas sociais, influenciando sobremaneira no processo de mediação na recepção dos programas televisivos; ou seja, tanto nas observações em sala como nas declarações do grupo de alunos da escola A, nota-se a existência de um espaço garantido por alguns educadores para o debate e para a discussão de temas polêmicos, além dos conteúdos disciplinares.

O principal momento da videogravação com esse grupo de alunos ocorreu com a discussão sobre o problema político-partidário enfatizado pelo programa *Sai de baixo*. Segundo a opinião geral dos alunos, a professora de História e o professor de Matemática mostraram-se interessados em estimular a discussão durante as aulas.

De um modo geral, os educandos desse grupo da escola A demonstraram, além de certa intimidade com debates e discussões, interesse em defender seus pontos de vista, sobretudo no que se refere à questão eleitoral. Essa constatação reforça a importância da escola como mediadora, pois o assunto discutido no espaço da sala de aula representa uma das referências críticas para o processo de discussão dos alunos, embora não seja mencionado o posicionamento de um ou de outro professor, ou mesmo o papel da escola como um todo.

Em primeiro lugar, pode-se considerar que a prática pedagógica adotada por esses professores, com ampla possibilidade de diálogo, insere-se em uma realidade concreta dessa instituição educacional. A coordenação pedagógica e a direção da escola oferecem plena autonomia e todo o apoio para que o professor desenvolva práticas pedagógicas mais questionadoras, embora a maioria dos educadores não tenha o costume de implementá-las.

Em segundo lugar, o momento das reuniões pedagógicas quinzenais e as discussões na sala dos professores sobre os problemas de cada turma ou de alunos específicos contribuem bastante para uma interação maior entre os educadores, além de possibilitar a realização de ações conjuntas.

Em terceiro lugar, a possibilidade de diálogo não se restringe a uma boa parte dos professores, mas se estende à coordenação pedagógica e à própria direção da escola. Os educandos argumentam que a direção da escola mantém uma posição de respeito em relação aos estudantes, procurando-os para que opinem a respeito de decisões importantes. Deve-se considerar que a liberdade e a possibilidade de diálogo entre direção, aluno e professor, mesmo que relativas, considerando que na prática não são exercidas por todos os professores da turma, constituem fatores importantes no processo de mediação crítica. Trata-se de um meio de socializar o educando em um espaço de debate, de discussão, de questionamentos, o que pode, por sua vez, motivar uma leitura mais crítica da realidade.

A liberdade de diálogo, mesmo relativa, não esteve presente na escola B, em que não se percebeu a disponibilidade – por parte da

maioria dos professores ou mesmo da coordenação pedagógica – de ouvir a voz dos alunos. Durante as aulas, não houve discussões nem debates no espaço da sala, acerca de temas gerais. As aulas seguiam um ritmo em que os professores trabalhavam linearmente a leitura de textos do livro didático, a exposição do conteúdo e as tarefas feitas pelos educandos. O grupo de alunos dessa escola apontou a falta de diálogo da coordenação, destacando a relação pouco respeitosa com os educandos.

O momento das videograções nessa escola foi marcado por uma considerável dificuldade, por parte da maioria dos educandos, de envolvimento no debate, nas discussões. Percebeu-se que não estavam habituados a defender idéias, a questionar. Essa dificuldade pode ser atribuída à própria prática pedagógica da escola, que inibe a participação dos sujeitos.

Assim, pode-se concluir que, para que a escola seja mediadora crítica da recepção dos educandos aos programas televisivos, deve-se transcender, como aponta Penin (1997), o campo da epistemologia. O professor terá de se soltar das amarras do conteúdo, mediante uma reflexão crítica e colegiada, e caminhar para o campo da “cultura vivida” (Giroux, 1992) dos educandos.

Além disso, percebe-se que os alunos pesquisados estão ávidos de discussão e debate. No que concerne à cultura mediática, eles têm curiosidades, dúvidas e incertezas, sentido-se distantes da escola que não discute dialogicamente as questões de seu cotidiano.

A RELAÇÃO PROFESSOR–ALUNO COMO ELEMENTO DE MEDIAÇÃO

Outro aspecto que pode ser considerado como importante no processo de mediação crítica refere-se à relação professor–aluno. Nesse sentido, tanto na escola A como na escola B, presenciaram-se elementos que podem propiciar essa mediação ou inibi-la.

Na escola A, a maioria dos alunos considerou carismáticos os professores de História, Matemática, Inglês e Educação Física. Esse atributo foi também imputado à coordenação da escola, quando os

alunos foram questionados acerca do relacionamento com os professores, que se distinguem pelo respeito e pela proximidade que mantêm com os educandos.

Na escola B, as declarações dos alunos acerca da relação com os professores foram muito sucintas. Apenas dois professores – de Ciências e Inglês – foram considerados carismáticos; ao professor de Ciências foram atribuídos os adjetivos “simpático” e “amigo”. Esse professor representa para os alunos a figura de um companheiro, diferente de todos, qualidade que não significa uma postura crítica, mas um elemento importante para conferir legitimidade ao discurso do educador. Os discentes afirmam que, nos momentos em que estão assistindo a programas relativos à saúde, a doenças ou às ciências biológicas, em geral estabelecem relação entre o assunto televisivo e a matéria.

Diferentemente da postura adotada por esse professor, que mobiliza a simpatia dos alunos e consegue estabelecer diálogo com eles, os outros professores, embora apresentem um discurso crítico, não conseguem a adesão de seus educandos. O professor de História, em especial, é apontado pelos educandos como alguém que eventualmente comenta os programas televisivos, embora ressaltem que essa posição é adotada apenas em programas – como telejornais – que se relacionam diretamente com o conteúdo trabalhado naquele momento específico.

Nesse sentido, o distanciamento dos educadores não apenas da cultura mediática, mas também das relações afetivas dos educandos, provoca uma construção negativa no espaço escolar, onde passam a ser vistos como “alienígenas na sala de aula” (Green e Bigum, 1995). Ou seja, professores e alunos não se reconhecem como legítimos nesse espaço. Para os autores, esse distanciamento acarreta também o pânico moral dos educadores, “cujo foco é o suposto desvio da juventude contemporânea” (Green e Bigum, 1995, p. 212).

Assim, considera-se o que Giroux classifica como uma “crítica pessimista” em que o discurso do professor dá ênfase apenas aos elementos negativos de uma determinada realidade. Contrário a essa postura crítica, reducionista e pessimista, Giroux utiliza-se do

conceito de pedagogia radical e de professor transformador. Nessa abordagem, o papel da crítica não se encontra isolado, mas faz parte de um complexo sistema de relações sociais, de produção-reprodução e “de imaginação em benefício da liberdade humana” (Giroux, 1995, p. 99).

Os educandos das turmas pesquisadas da escola B e, em menor grau, os da escola A não consideram essas instituições como parte de suas próprias vidas e de seu cotidiano. Para eles, as escolas não fazem parte da representação dos alunos como formadoras para a vida, mas apenas para questões relativas a disciplinas e conteúdos.

De um modo geral, a socialização implementada pelas escolas trabalhadas encontra-se mais próxima daquela implementada pelos *media*, ou seja, consegue manter os sujeitos dentro de um determinado consenso social. Assim, como destacam Freire e Shor (1986), esses currículos falsamente neutros formam os estudantes para observar as coisas sem julgá-las, ou para ver o mundo do ponto de vista do consenso oficial, para executar ordens sem questioná-las, como se a sociedade existente fosse fixa e perfeita. Os cursos enfatizam técnicas e não o contato crítico com a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado com o discurso mediático que os educandos trazem para o espaço escolar constitui-se em um importante aspecto para a construção de uma pedagogia crítica; no entanto, não é suficiente, nem garante a relação da educação com a vida dos educandos fora do espaço escolar. Não basta simplesmente relacionar-se com esses elementos (de forma reduzida), tendo em vista que eles devem representar uma ponte em que os educandos sintam prazer e fiquem mais à vontade para falar sobre seu universo cultural, suas crenças, seus valores e suas concepções de mundo.

Compreende-se que o universo da cultura mediática não tem poder em si; todavia, tanto seus significados como seus significantes

desenvolvem-se em ambientes culturais específicos, em contradições e conflitos construídos historicamente, e contam com a função de reforçar ou negar determinadas concepções de mundo. O educador cumpre, então, a tarefa de fazer com os educandos a leitura de textos não só videotecnológicos ou radiotecnológicos, mas de todos os que estiverem presentes na relação entre os sujeitos e o conhecimento, incluindo os oficiais, como é o caso do livro didático.

As discussões dos programas televisivos representam um excelente caminho para alcançar não só a cultura audiovisual dos educandos, mas também a cultura popular, suas expectativas, ansiedades e a realidade sociocultural na qual estão inseridos. O debate dos programas não possui um fim em si mesmo, mas constitui um meio para que o educador possa problematizar a própria realidade vivenciada pelos educandos, e, em seguida, desencadear um processo de ressignificação do senso comum e das representações estereotipadas e da realidade.

Os diversos *media*, em especial a TV, interferem na produção de significados dos educandos; por isso, a escola não deve se omitir diante desse fato, mas encará-lo como um desafio. A cultura dominante utiliza-se de artifícios para trazer o público para dentro de suas fronteiras, construindo consenso e efetivando a hegemonia. Assim, para que ocorra o processo de superação, é necessária uma mediação crítica da escola, no intuito de, com base na própria realidade concreta dos educandos, de sua cultura mediática, prepará-los para o discurso da crítica, ou de uma leitura de mundo com referenciais críticos, o que constitui um importante passo para a construção de uma nova hegemonia.

Nesse sentido, conclui-se que para exercer mediação, tanto no processo específico de recepção como no conjunto da socialização crítica dos sujeitos, é necessário que a escola tenha como principal prática a proximidade dos educadores com as formas de compreensão do mundo dos seus próprios educandos, com o lugar social em que estão inseridos.

Além disso, faz-se necessária uma opção política e pedagógica da comunidade escolar para a formação desse tipo de cida-

dão, em que apenas as condições concretas, mesmo propícias para a realização da mediação, não são suficientes. Para Gramsci (1995, p. 47), “a existência das condições objetivas – ou possibilidade, ou liberdade – ainda não é suficiente: é necessário ‘conhecê-las’ e saber utilizá-las. Querer utilizá-las”.

Assim, a escola necessita de alguns aspectos básicos para realizar o processo de constituição de uma mediação crítica. Em primeiro lugar, o profissional de educação deve conscientizar-se de seu papel como intelectual que contribui para a formação de concepções de mundo dos sujeitos, dos seus educandos. Isso pode ocorrer de forma intencional ou não. O educador deve ter claro que pode estar reforçando, com seu discurso, com sua prática pedagógica, a atual hegemonia dos símbolos e significados das elites dominantes, contribuindo de modo específico para a legitimação e para o fortalecimento das modernas divisões sociais, que se tornam cada vez mais excludentes. E que precisa contribuir para a implementação de novas relações sociais, de novos símbolos, de uma nova hegemonia. Como argumenta Gramsci (1995, p. 21),

a consciência de fazer parte de uma determinada hegemonia (isto é, a consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual a teoria e prática finalmente se unificam.

O segundo aspecto, de suma importância para o processo de preparação de sujeitos críticos, diz respeito à consciência da escola como um todo em relação ao tipo de cidadão que pretende formar. Merece destaque o conceito de educação e de sociedade que move a ação pedagógica de todo o corpo de profissionais, desde os trabalhadores da limpeza, passando pelos professores, funcionários, técnicos, coordenadores, diretores, até chegar aos alunos e pais de alunos. Essa clareza oferece condições de implementar ações que atendam à formação de cidadãos críticos e participativos.

Por fim, deve-se compreender que o diálogo constitui o principal alicerce para a formação de sujeitos críticos no espaço escolar; com o reconhecimento da importância da voz e da cultura

do educando será consolidada uma ação de oposição aos valores, às concepções de mundo nos setores dominantes, nos diversos textos mediáticos.

ABSTRACT

The everyday life of modern society has been bombarded by many discourses produced and reproduced by the media. The students, especially those from public schools, have been the target of this bombardment. The present paper is the synthesis of a research done with students from two public schools in Goiânia and tries to analyze how the educators from these schools who have been mediators in the reception that their students have of television programs. What was found was that a democratic administration along with a pedagogy which has as its principle the dialogue, are fundamental not only in developing critical receivers, but also participant subjects in all spheres of society.

Keywords: television program, public school, dialogistic education, multiple mediation.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medos e ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo, 1992.

GIROUX, Henry. Formação do professor como uma esfera contrapública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Curriculo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GREEN, Bill; BIGUM Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Loyola, 1990.

OROZCO, Guillermo. Mediaciones familiares y escolares en la recepción televisiva de los niños. *Intercom Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, ano 14, n. 64, 1991.

OROZCO, Guillermo. *Miradas latinoamericanas e la televisión*. México: Universidad Iberoamericana, 1996.

OROZCO, Guillermo. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 10, p. 57-68, set./dez. 1997.

PENIN, Sônia F. de Souza. *A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura*. Campinas: Papyrus, 1994.

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.



Campus Samambaia, C.P. 131
Fones: (62) 521-1107 - 521-1358
Fax: (62) 205-1015 - grafica@cegrafug.br
CEP 74001-970 - Goiânia-Goiás-Brasil
2003